

V i d á l i a

Boletim dos Amigos dos Açores – Associação Ecológica

nº 24

• 2005

- Açores – Ambiente, associativismo e cidadania
- Percurso Pedestre da Montanha do Pico
- Gruta das Torres
- Geodiversidade em Áreas Protegidas



Sumário

Editorial	3
Açores – Ambiente, Associativismo e Cidadania	4
Percurso Pedestre da Montanha do Pico	7
Espeleologia Gruta das Torres – Pico	11
Geodiversidade em Áreas Protegidas – enquadramento histórico e perspectivas futuras	12
Publicações e Materiais para Venda	14
Novos Sócios	15
Boletim de Inscrição	15
Humor Verde	16

www.virtualazores.com/amigosdosacores

e-mail:

amigosdosacores@hotmail.com

amigosdosacores@gmail.com

Tel. 296 498 004

Fax 296 498 006

ÓRGÃOS SOCIAIS PARA 2005-2006

DIRECÇÃO

Presidente

Teófilo Braga

Secretário

Francisco Botelho

Tesoureiro

Mário Furtado

Vogais

Maria Manuela Livro

Lúcia Ventura

Suplentes

Sérgio Diogo Caetano

Gilda Pontes

CONSELHO FISCAL

Presidente

Paula Santos

Secretário

Eduardo Santos

Vogal

George Hayes

Suplentes

Emanuel Machado

Pedro Teves

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente

João Nunes

Vice-Presidente

Luís Guimarães

Secretário

Eva Almeida Lima

Suplentes

Maria do Carmo Moreira

Cristina Ferreira

Sede Social

Está instalada no edifício da Junta de Freguesia do Pico da Pedra, Avenida da Paz, 14. Ali se encontram todas as publicações editadas e uma biblioteca especializada na temática ambiental. Os interessados poderão visitá-la todos os dias úteis das 8:30h às 12h e das 13h às 16h. Aconselha-se a marcação da visita. Contacto: Carla Oliveira,
Tel. 296 498 004

Vidália

Boletim dos Amigos dos Açores
– Associação Ecológica

Distribuição gratuita
entre os sócios

Os artigos são da responsabilidade dos autores e não representam obrigatoriamente a posição oficial da Associação.

É permitida a reprodução e transcrição, desde que citada a fonte e o autor

Apoio

Secretaria Regional do
Ambiente e do Mar

Execução Gráfica e Impressão
EGA
Empresa Gráfica Açoreana, Lda.

Neste número 24 do boletim *Vidália*, damos destaque à ilha do Pico, através da publicação de um texto relativo a um passeio pedestre/ visita de estudo realizada no passado dia 5 de Agosto à Montanha, que contou com a presença de 39 pessoas. Este passeio estava inserido no projecto *Conhecer para Proteger* que no primeiro semestre do corrente ano já contou com 310 participantes.

Também, não esquecemos um dos “campos de batalha” dos Amigos dos Açores, a espeleologia. Assim, nesta *Vidália* os leitores poderão encontrar um texto sobre a Gruta das Torres, que foi visitada por alguns dos elementos da Associação que se deslocaram ao Pico. O sucesso que tem tido, em termos de número de visitantes, o recentemente inaugurado Centro de Interpretação da Gruta das Torres é digno de registo. Está de parabéns a Secretaria Regional do Ambiente e do Mar.

O exemplo da Gruta das Torres tem de ser estendido quanto antes à Gruta do Carvão,

na Ilha de São Miguel. Temos a certeza de que, dada a localização geográfica da Gruta, com a entrada quase no centro de Ponta Delgada, a sua abertura ao público ainda atrairá mais visitantes do que as que já estão abertas noutras ilhas. Os Amigos dos Açores apoiam todas as diligências da Senhora Secretária Regional do Ambiente e do Mar no sentido da construção do Centro de Interpretação da Gruta do Carvão nas instalações dos antigos secadores da Fábrica de Tabaco Micaelense, na rua de Lisboa e não admitem entraves ao projecto, venham eles donde vierem. Embora aberta apenas para visitas de carácter didáctico, a Gruta do Carvão, no primeiro semestre de 2005, foi visitada por 340 pessoas, sobretudo por alunos de diversas escolas da Região e do Continente português.

Neste número do *Vidália*, também, poderão ler um artigo sobre os Amigos dos Açores e a Cidadania, bem como outro sobre Geodiversidade em Áreas Protegidas.



Açores – Ambiente, Associativismo e Cidadania

Teófilo Braga

1- Uma Acção Paradigmática em Prol do Ambiente

Nos Açores, infelizmente, o associativismo ambiental não tem uma implantação muito ampla. De entre as associações existentes, destaca-se pela sua longevidade, número de associados e actividade persistente, a associação Amigos dos Açores cujas actividades se iniciaram em Janeiro de 1984.

Com cerca de 1300 associados individuais e alguns colectivos espalhados por várias ilhas dos Açores, em Portugal Continental e nas comunidades de emigrantes, sobretudo nos Estados Unidos da América e Canadá, a sua acção, embora centrada na ilha de São Miguel, tem-se estendido a todas as ilhas, quer através dos seus membros, quer

através da colaboração com docentes das escolas de todos os níveis de ensino.

A actividade dos Amigos dos Açores, ao longo dos seus 20 anos de existência, tem-se desenvolvido essencialmente em quatro vertentes: recreativa/ desportiva, científica, educativa e pressão/denúncia.

No que diz respeito à primeira, a Associação promove a realização de passeios pedestres mensais para os seus associados, integrado num projecto intitulado “Conhecer para Proteger”, tendo por objectivos principais: a verificação *in loco* do estado do ambiente e a recolha de apontamentos para elaboração de itinerários de descoberta da natureza e roteiros de percursos pedestres, importantes recursos para a educação ambiental e para o fomento do turismo de natureza.



Como complemento a esta actividade, com o apoio de diversas entidades, já foram editados 16 roteiros de percursos pedestres. Ainda nesta vertente, a Associação encontra-se a implementar um projecto destinado exclusivamente a jovens, intitulado “Caminhar para Melhor Conhecer e Proteger”, que tem por objectivos: despertar o prazer de apreciar a natureza; sensibilizar para a necessidade da sua preservação; fomentar a discussão sobre hábitos saudáveis e proporcionar alternativas saudáveis de ocupação dos tempos livres.

No âmbito da realização de actividades de carácter científico/ investigação, a Associação promoveu diversas iniciativas, com destaque para um estudo sobre as aves de rapina dos Açores, o estudo do tritão de crista, o inventário das zonas húmidas da ilha de São Miguel, bem como o levantamento fotográfico e topográfico das grutas e algares da ilha de São Miguel.

No que diz respeito à vertente educativa, para além de apoiar as escolas, quer no acompanhamento de visitas de estudo, quer no fornecimento de materiais de apoio para os professores e a solicitação dos alunos, a Associação organiza acções de sensibilização sobre os mais diversos temas, com destaque para o património natural, a gestão das áreas protegidas, a problemática dos resíduos sólidos, etc. Ainda nesta área, a Associação editou várias publicações, das quais destacamos: *Grutas, Algares e Vulcões- Património Espeleológico da Ilha de São Miguel*; *Lagoas e Lagoeiros da Ilha de São Miguel*; *Paisagens Vulcânicas dos Açores*; *Borboletas Nocturnas dos Açores*; *Migrações de Aves*; *Proposta de Intervenção Museológica na Gruta do Carvão* (Ponta Delgada); *Moinhos da Ribeira Grande* e o jogo *A Minha Primeira História Natural dos Açores*.

Relativamente à vertente da pressão/denúncia, destaca-se a apresentação de petições ou memorandos aos órgãos de poder, a nível comunitário, nacional, regional e autárquico, a denúncia de situações através da

comunicação social e o envio, à Direcção Regional do Ambiente, de propostas de classificação de Áreas Protegidas. Neste âmbito, destacamos a apresentação à Assembleia Legislativa Regional dos Açores, em conjunto com outras associações de defesa do ambiente, de uma petição intitulada “Pela Sobrevivência da Vegetação Autóctone dos Açores”, a qual levou a que aquela Assembleia aprovasse uma Resolução (nº 13/95/A), onde todas as propostas referidas na petição fossem recomendadas para que o governo as tomasse em atenção aquando da implementação das necessárias medidas para salvaguardar a vegetação açoriana. No que diz respeito à apresentação de propostas para a classificação de áreas protegidas já foram apresentadas quatro: Caldeira Velha, Pico das Camarinhas e Ponta da Ferraria, Gruta do Carvão e Lagoas do Congro e Nenúfares.



2- Educar para a Cidadania

Perante o exposto, parece que estamos no melhor dos mundos. Temos muita legislação e são muitas as instituições que se dedicam à causa ambiental. Contudo, tal como nos diz António Barreto (2002): “É todavia verdade que nem sempre as leis e as instituições primam pela clareza e pelo acesso fácil aos cidadãos. Ou porque estes não estão habituados a elas. Ou porque as burocracias tendem a tornar difícil o que não deveria ser”.

Urge, pois, ultrapassar a apatia dos cidadãos e o cepticismo e a desconfiança com que, por vezes, ainda, é

Continua

encarado, entre nós, o exercício de direitos de cidadania. Por um lado, todas as pessoas têm a obrigação de conhecer os seus direitos e acreditar que podem ter um papel importante na correcção de disfunções do sistema jurídico. Por outro lado, há que ultrapassar a desconfiança com que são encaradas as pessoas que exercem um direito de cidadania, por exemplo uma consulta pública, cuja atitude é, por vezes, entendida como motivada por interesses pouco claros (Sendim, 2002).

O que fazer para alterar o actual estado das coisas?

A educação ambiental poderá dar um contributo nesse sentido. Mas, o que tem sido feito entre nós?

Procure-se saber o que se faz em nome da educação ambiental e não temos dúvida que em nome daquela ensina-se ciências naturais, sobretudo biologia e em menor escala geologia. Por outro lado, de acordo com Fernandes (1997), a educação ambiental é por oportunismo, muitas vezes transformada em mero acto de propaganda destinado à obtenção de meios financeiros ou de “bandeiras de qualidade”.

Na educação ambiental não pode ser perdido de vista o seu princípio geral:

“Fazer compreender às pessoas e às comunidades a natureza complexa resultante dos factores físicos, biológicos, sociais, económicos e culturais do ambiente natural e urbano e dar a estas pessoas ou comunidades a oportunidade de adquirir os conhecimentos, os valores, as atitudes e as aptidões práticas que lhes permitam ajudar de uma maneira responsável e eficaz a prever e resolver os problemas ecológicos e gerir a qualidade do ambiente.”

Para a implementação da educação ambiental é necessário reflectir sobre como integrá-la nos currículos escolares a todos os níveis de ensino, como deverá ser feita a formação dos professores, como e quem a fará na sua vertente não formal, quais os recursos necessários, que metodologias deverão ser

usadas, etc.. Em suma, mais do que demonstrar alguma boa vontade, é importante, com urgência, elaborar uma Estratégia Regional de Educação Ambiental, tendo por base, entre outras, a Estratégia Internacional de Acção em Matéria de Educação e Formação Ambiental, adoptada pela Unesco e PNUA por ocasião do Congresso Internacional sobre Educação e Formação Ambiental, realizado em 1987 na cidade de Moscovo.

Terminaria, com três citações:

[a educação ambiental] não é neutra, mas ideológica. É um acto político, baseado em valores para a transformação social, deve facilitar a cooperação mútua e equitativa nos processos de decisão, em todos os níveis e etapas, promovendo o diálogo entre indivíduos e instituições e integrando conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e acções. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis”

(in “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global”)

“Educar para a cidadania é...contribuir para formar uma colectividade responsável pelo mundo que habita. Ter uma atitude ecológica é assumir essa responsabilidade que se exerce em todo o tempo e lugar, sendo cidadão” (Carvalho, 1992)

“A acção educativa não pode deixar de ser política, da mesma maneira que a política - a boa política - tem de ser pedagógica.” (Gutierrez, citado por Rocha, 1999)



Percurso Pedestre da Montanha do Pico

Catarina Furtado

No dia 6 de Agosto, os Amigos dos Açores efectuaram a escalada à montanha do Pico. Ao todo foram 38 membros desta associação, acompanhados por um guia credenciado, que embarcaram nesta aventura, sendo que 35 elementos o fizeram pela primeira vez.

O percurso iniciou-se pelas 6 h e 30 minutos, a cerca de 1200 m de altitude, próximo do Cabeço das Cabras, e terminou no mesmo local, tendo sido atingido o ponto mais alto de Portugal, no Piquinho, a 2351 m de altitude.

O dia estava limpo, o que facilitou a subida. Logo de início, a vista panorâmica sobre a ilha do Faial e sobre o Concelho da Madalena deliciou os olhares de quem ali se encontrava pela primeira vez.

Ordenadamente, os elementos dos Amigos dos Açores caminharam cerca de meia hora, seguindo sempre as instruções do guia, Renato Goulart, que seguia na frente por forma a controlar o ritmo de andamento, até chegarem

ao segundo posto – A Furna Abrigo, a uma altitude de 1425 metros.

A Furna Abrigo, situada no Alto do Barreiro em território pertencente à freguesia da Candelária, correspondia, antigamente, a um ponto de paragem quase obrigatório de pernoita, para os mais incautos que se aventuravam na escalada à montanha. Actualmente, uma vez que o acesso de carro até



a uma cota de 1200 metros vem facilitar muito a realização deste percurso, é muito raro se registarem pernoitas por parte dos montanhistas, mesmo quando o tempo não se revela muito amigável.

A Furna Abrigo é uma chaminé vulcânica de um hornito, o qual é, de acordo com Nunes (1998), um pequeno cone de lava, sem conduta profunda, formado por “salpicos” de lava, resultantes de pequenas explosões ocorridas à superfície das escoadas.

Após algumas palavras do guia sobre o local e após o disparar de mais uns flashes, deu-se continuidade à subida, não se registando, ainda, por esta altura, qualquer

Continua ➔

tipo de desânimo ou cansaço por parte dos participantes.

Algum tempo depois atingiu-se a cota de 2050 metros, onde se localiza uma cratera fóssil existente no aparelho vulcânico.

Esta cratera, com um diâmetro de aproximado de 800 metros, corresponde a uma segunda cratera poço, mais antiga do que aquela em que se localiza o piquinho, encontrando-se materializada por uma nítida ruptura de declive. Terá tido origem a partir do colapso de um vulcão compósito, num evento que correspondeu, segundo França *et al* (2003), à primeira fase de edificação do vulcão central.

À medida que se foi subindo em altitude, tornou-se nitidamente visível a diminuição da



altura da vegetação, sendo que, a esta cota, e a partir daqui para a frente, observa-se quase exclusivamente rapa (*Calluna vulgaris*), queiró (*Daboecia azorica*) e tomilho ou erva-úrsula (*Thymus caespititius*). Estas últimas, com tonalidades de rosa “choque” e rosa bebé,



respectivamente, formam em várias zonas pequenos mantos, que foram sendo, ao longo da subida, alvo das objectivas das máquinas fotográficas dos participantes.

Alguns metros mais a cima, quando o cansaço já se fazia sentir em alguns, atingiu-se a cratera de colapso existente na Montanha do Pico, a uma altitude de 2250 m. Nesta cratera de contorno sensivelmente circular, com um diâmetro médio de 550 metros e um desnível máximo de aproximadamente 25 m, foi possível observar, em flor, a subespécie endémica dos Açores bermim (*Silene vulgaris ssp. cratericola*), que apenas se encontra neste local.

Uma vez que a fome já apertava e a animação dava, nesta altura, lugar a algum cansaço, efectuou-se uma breve paragem para responder a estas necessidades. Assim, e sempre sob um céu limpo que marcava, decisivamente, a presença do Verão, foi-se acompanhando o almoço com uma boa

conversa, ora sobre o tempo, ora sob o cansaço, o que é certo é que tema não faltou.

Terminado o almoço, chegou a altura de conquistar aquele que é o ponto mais alto de Portugal, o Piquinho, a 2351 m de altitude. À partida, este cone lávico, muito íngreme, que se eleva a cerca de 125 metros do fundo da cratera, foi suficiente para intimidar alguns, que não se aventuraram a subi-lo. No entanto, mais de metade dos 38 elementos dos Amigos dos Açores, sempre acompanhados do guia, foram suficientemente corajosos e persistentes para atingir a derradeira meta a que se tinham proposto logo de início.

Deu-se, então, início à subida, atingindo-se em pouco tempo a cratera, com cerca de 15 m de diâmetro, existente no topo do Piquinho, onde se localiza um pequeno campo fumarólico. De acordo com França (2002), estas fumarolas existentes no topo da cratera do Piquinho e nas suas vertentes, onde parecem definir um alinhamento geral WNW-ESE, não



constituem, neste momento, qualquer ameaça, mesmo para os mais imprudentes, que neste local se aproximem delas, visto se tratarem de emanações essencialmente constituídas por vapor de água.

Do Piquinho, a paisagem avistada revelou-se verdadeiramente monumental, tendo-se observado desde a ilha de São Jorge, a nordeste, e o Faial, a Oeste, à zona central da própria ilha, a sueste, com os seus cones vulcânicos, as manchas de vegetação primitiva, algumas lagoas, nomeadamente a Lagoa do Capitão, etc., até à imensidade do oceano Atlântico. Deste local, e uma vez que o tempo assim o proporcionou, foi, ainda, possível observar, por detrás da ilha de São Jorge, a ilha da Graciosa.

Este panorama mereceu e conquistou muitos registos fotográficos, que servirão, para muitos, de comprovação e recordação do alcançar desta meta, que segundo as estatísticas é apenas alcançada por 80% dos que sobem a montanha.

Após a descida à cratera, onde parte do grupo esperava os mais aventureiros, efectuou-

se mais uma paragem, para então, depois de recuperadas as forças, se dar início à descida da montanha.

A descida fez-se a ritmo vagaroso e sempre com muita cautela, já que o trilho algo traiçoeiro acompanhado pelo cansaço de alguns elementos, propiciavam a ocorrência de incidentes.

Volvidas cerca de 10 horas desde o início desta aventura, chegou-se, finalmente, ao fim do percurso. Com muito cansaço, alguns escaldões, joelhos, pernas e pés a doer, mas com o maior dos apazimentos, finalizou-se, assim, mais um passeio dos Amigos dos Açores.

Não poderia terminar, no entanto, sem fazer menção ao facto de ter sido com grande tristeza e decepção que nos deparámos com uma sinalização desadequada e degradada, pelo deixo um apelo para que se uniformize a sinalética utilizada neste percurso, substituindo a existente pela que se utiliza nos restantes percursos pedestres recomendados, mas colocando reflectores.



Gruta das Torres – Pico

De entre as inúmeras cavidades vulcânicas que podemos encontrar na ilha do Pico, é de destacar a Gruta das Torres, cujo traçado original se mantém num estado impecavelmente preservado. Pela sua dimensão e beleza, pela sua biodiversidade e geodiversidade e pela sua importância como património natural, esta gruta foi classificada como Monumento Natural Regional através do Decreto Legislativo Regional nº 6/2004/A de 18 de Março.

Devido ao seu interesse, e enquanto Monumento Natural Regional, esta cavidade vulcânica foi classificada, sobretudo, por constituir uma paisagem subterrânea de características muito especiais, o que lhe confere particular destaque no panorama vulcano-espeleológico regional, justificando-se, por isso, a sua geoconservação.

Localizada na freguesia de Criação Velha, a uma altitude de 285m, a sua origem prende-se com a formação de escoadas lávicas do tipo *pahoehoe*, emitidas pelo Cabeço Bravo. Constituído por um túnel principal de grandes dimensões e vários túneis secundários laterais e superiores de dimensões mais reduzidas, este é o maior tubo lávico conhecido na Região Autónoma dos Açores, com cerca de 5 150 m de comprimento total, sendo o seu interior rico em formações lávicas, estalagmites lávicas, bancadas laterais, lava balls, paredes estriadas e lavas encordoadas. O chão é constituído por lava do tipo *aa* e *pahoehoe*,

encontrando-se muito bem preservado em grande parte da gruta. As suas paredes encontram-se por vezes revestidas por óxidos de sílica.

O acesso à gruta é feito pelo seu Centro de Interpretação, recentemente inaugurado. Descida a escadaria de pedra existente no Algar da Ponte, penetra-se no seio do seu ambiente cavernícola, surgindo, imediatamente, a percepção da transição da vegetação arbórea da superfície, para uma vegetação mais rasteira dominada por fetos e musgos e outras formas de vida, como os líquenes, que se encontram no chão e paredes junto da abertura.

No que diz respeito à fauna troglóbia, foram identificadas, neste local, as espécies endémicas *Trechus picoensis* Machado e *Cixius azopicavus* Hoch. No entanto, as grandes dimensões desta cavidade fazem prever a existência de mais espécies que poderão ser encontradas em futuros estudos bioespeológicos.

C.F. (com base em desdobrável editado pela Direcção Regional do Ambiente)



Geodiversidade em Áreas Protegidas – enquadramento histórico e perspectivas futuras

Sérgio Diogo Caetano e Eva Almeida Lima

As questões relacionadas com a Conservação da Natureza apresentam uma importância crescente na sociedade contemporânea. O incremento populacional, a pressão urbanística de uma forma concentrada em algumas áreas, a exploração desordenada dos recursos naturais, entre outros, têm contribuído peremptoriamente para uma evidente diminuição de áreas onde a Natureza permanece inalterada ou em elevado estado de conservação. No entanto, as políticas de Conservação da Natureza vêm sendo valorizadas socialmente, dada a sua implicação nos projectos e acções promotoras de desenvolvimento sustentável.

A Conservação da Natureza deve ser considerada de forma holística integrando a preservação dos valores paisagísticos, geológicos, biológicos e ecológicos de uma dada região.

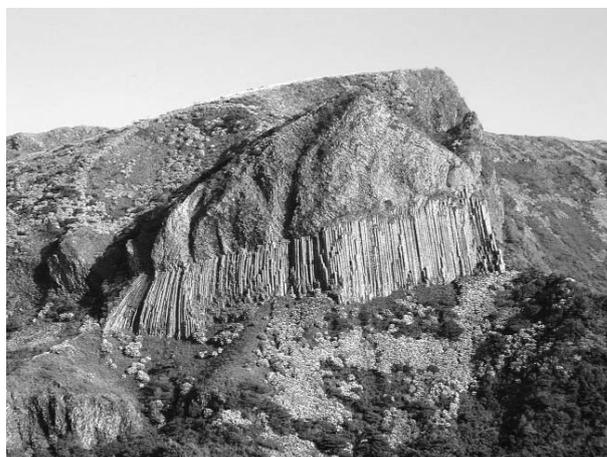
Dada a impossibilidade da implementação de práticas conservacionistas de forma generalizada em todo o território, optou-se por adoptar medidas conducentes à Conservação da Natureza em áreas protegidas, locais onde teoricamente as condições naturais estariam mais preservadas e onde a riqueza e singularidade de elementos paisagísticos, geológicos, biológicos e ecológicos poderia ser mais significativa, sem esquecer a vertente cultural e social das populações que habitavam estas áreas. É no seguimento desta política que é criado o conceito de Parque Nacional, ao qual está intimamente ligado a criação, em 1872, do Parque Nacional de Yellowstone, nos Estados Unidos da América. Desde então, as perspectivas de gestão de áreas protegidas têm sofrido diversas evoluções.

Em Portugal, o actual sistema de áreas protegidas é constituído por dezenas de unidades entre Parques Nacionais e Naturais, Reservas

Naturais, Monumentos Naturais, Paisagens Protegidas, etc. Para além destas unidades da responsabilidade do Instituto da Conservação da Natureza (Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, no caso da Região Autónoma dos Açores), inúmeras autarquias gerem espaços naturais protegidos de âmbito local.

Na Região Autónoma dos Açores, as áreas protegidas estão classificadas por Leis regionais e nacionais: 15 áreas estão classificadas como Reserva Florestal Regional (Decreto Lei 27/88/A, de 22 de Julho) e as restantes estão classificadas como Paisagem Protegida (4), Reserva Natural (10) ou Monumento Natural Regional (10) pelo Decreto Legislativo Regional 21/93/A, de 23 de Dezembro, que adaptou para a Região Autónoma o Decreto Lei 19/93, de 13 de Janeiro.

A necessidade de preservação e fomento da Biodiversidade, uma das componentes do Património Natural, é uma ideia já relativamente bem implantada na sociedade. Mas, por outro lado, tem sido subvalorizada a importância da outra componente do Património Natural: a geodiversidade. Este termo, que apenas surgiu no início da década de 90, corresponde à variedade de ambientes geológicos, fenómenos e processos



Rocha dos Bordões

activos geradores de paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que constituem a base para a vida na Terra. No entanto, a geodiversidade não tem merecido, nas políticas nacionais e internacionais, um destaque proporcional à Biodiversidade. É mais fácil envolver a população na preservação de uma dada espécie animal ou vegetal do que na conservação de um afloramento rico em fósseis – vegetais ou animais - com alguns milhares ou milhões de anos. O carácter inanimado do Património Geológico e a falta de sensibilidade para a Geologia da maioria da população conduziu a este afastamento da sociedade face à necessidade de implementar medidas de geoconservação.

As questões relacionadas com a inventariação, caracterização e valorização do Património Geológico só foram despoletadas na década de 90 do século passado. A nível internacional, o 1st International Symposium on Geological Heritage decorreu em 1991 em Digne (França). Em 1993 foi criada a ProGEO - European Association for the Conservation of the Geological Heritage. Apenas em 1996 o 30th International Geological Congress consagra, pela primeira vez, uma sessão a este tema. No mesmo ano a International Union of Geological Sciences cria um Grupo de Trabalho (Task Group on Global Geosites) com o objectivo de promover o inventário de locais de interesse geológico com relevância mundial. No entanto, alguns países tinham já encetado algumas iniciativas no final da década de 80, principalmente alguns países do leste europeu.

A primeira iniciativa em Portugal, de carácter científico e alargada a toda a comunidade, apenas ocorreu em 1998, enquadrada no V Congresso Nacional de Geologia. Desde essa data, as iniciativas têm-se multiplicado, quer de carácter científico, quer ao nível da implementação de acções de inventariação e caracterização do Património Geológico Português.

Hoje, embora com elevado potencial e singularidade, a geodiversidade do arquipélago

dos Açores carece de estudos sectoriais que tenham por base a execução de um encontro de informações dispersas em cartas geológicas, teses e artigos científicos que abordem transversalmente esta temática, com um intuito da investigação, inventariação e descrição de elementos do património geológico presentes nas áreas protegidas, de forma a que se constituam ferramentas de apoio ao estabelecimento das melhores práticas para a conservação e usufruto regrado destes locais.

Nos Açores, em termos de trabalhos científicos, existe o projecto GEODIVA Geodiversidade das Áreas Classificadas dos Açores (SRA/DRA – Univ.Açores) em que estas foram objecto de análise através de uma caracterização sumária da geologia e da vulcanologia destas zonas, na perspectiva de que a mesma pudesse contribuir para a valorização do Património Natural dos Açores. Está em elaboração uma Carta de Geomonumentos da Ilha de São Miguel, uma edição do OVG – Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores. E há ainda o grupo GESPEA, um grupo de trabalho encarregado de promover um estudo sobre as grutas e algares do arquipélago, que tem vindo a desenvolver uma base de dados e um sistema classificativo, com o intuito de reunir toda a informação disponível sobre as cavidades vulcânicas dos Açores, pretendendo, também, promover uma gestão mais eficaz destas cavidades relativamente ao seu potencial turístico e científico.



Capelinhos

Publicações e Materiais para Venda

LIVROS	Associados	Não Assoc.	Nº	Valor
Grutas, Algares e Vulcões	5,00 €	7,50 €		
Lagoas e Lagoeiros da Ilha de São Miguel	7,50 €	12,50 €		
Paisagens Vulcânicas dos Açores	5,00 €	8,00 €		
Borboletas Nocturnas dos Açores	Grátis	2,50 €		
Moinhos da Ribeira Grande	Grátis	2,50 €		
Parque Natural Reg. Plataforma Costeira das Lajes do Pico	Grátis	2,50 €		
Cavidades Vulcânicas dos Açores	Grátis	2,50 €		
Orientação	Grátis	1,00 €		
Percursos Pedestres em São Miguel	Grátis	5,00 €		
Plantas Nativas dos Açores	Grátis	2,50 €		
Plantas Ornamentais dos Açores	Grátis	2,50 €		
BROCHURAS				
Percorso Pedestre da Ribeirinha	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre do Salto do Cabrito	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre da Serra Devassa	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre do Pico da Vela	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre das Três Lagoas	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre Praia – Lagoa do Fogo	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre Pinhal da Paz	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre do Sanguinho	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre das Sete Cidades	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre das Quatro Fábricas da Luz	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre da Ponta da Madrugada	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre da Fajã do Calhau	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre das Furnas	Grátis	1,50 €		
Percorso Pedestre de Santa Bárbara	Grátis	1,50 €		
OUTROS MATERIAIS				
Bonés "Amigos dos Açores"	2,00 €	3,00 €		
T-Shirt "Salvemos o Pombo Torcaz"	3,00 €	4,00 €		
T-Shirt "Golfinhos"	4,00 €	5,00 €		
T-Shirt "Amigos dos Açores"	5,00 €	6,00 €		
Casacos para Protecção da Chuva	10,00 €	11,00 €		
Sweat-Shirt "Amigos dos Açores"	12,50 €	13,00 €		

Formulário de Encomenda

Por favor envie as quantidades acima assinaladas para o endereço:

Nome

Rua e nº

Código Postal

Nota: todos os pedidos deverão ser acompanhados do respectivo pagamento em cheque ou vale postal. Para o estrangeiro ao valor total deverá acrescentado 2 €

AMIGOS DOS AÇORES- Avenida da Paz,14 9600-053 PICO DA PEDRA
Telefones - 296 498 004 Fax - 296 498 006 E-mail - amigosdosacores@gmail.com

Novos Sócios

Os **AMIGOS DOS AÇORES** são uma associação regional de defesa do ambiente, independente do poder político-económico e apartidária, que vem, desde 1985, trabalhando ininterruptamente a favor da conservação da maior riqueza dos Açores: o seu património natural.

No entanto, uma associação como esta, para desempenhar ainda melhor o seu papel, tem de continuar a aumentar a sua principal base de apoio: os seus associados.

Porque é fundamental contribuir para a garantia da existência de uma voz independente e firme na defesa do ambiente nos Açores, vimos convidá-lo(a) a aderir aos Amigos dos Açores, para tal basta preencher a ficha que junto enviamos e devolvê-la para:

AMIGOS DOS AÇORES
Avenida da Paz, 14
9600-053 PICO DA PEDRA

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

SÓCIO N.º _____ Quota anual (mínimo 10 €) _____, _____ € Donativo anual _____, _____ €
(quota anual + donativo)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ CÓDIGO POSTAL _____

TELEFONE _____ E-MAIL _____

PROFISSÃO _____ DATA DE NASCIMENTO ____/____/____

N.º DO B. IDENTIDADE _____ N.º DE CONTRIBUINTE _____

TIPO DE COLABORAÇÃO _____

PARTICIPAÇÃO NOS PASSEIOS PEDESTRES: SIM _____ NÃO _____

DATA ____/____/____ ASSINATURA _____

• A associação passará recibo dos donativos, os quais poderão ser deduzidos à colecta do ano para efeitos de IRS ou IRC.

AO BANCO _____
Agência de _____
_____, ____ de _____ de _____

Exmos.Senhores,

Por débito na minha conta com o NIB _____ nesse Banco, solicito que transfiram para crédito da conta dos **AMIGOS DOS AÇORES** com o NIB 001200009399438830116 (Agência de Ponta Delgada do **BANCO COMERCIAL DOS AÇORES**), a importância de _____, _____ €, no primeiro dia útil de _____ de cada ano, até instruções minhas em contrário. Agradeço ainda que, ao efectuarem as transferências, indiquem sempre o nome completo e morada do ordenante. Esta ordem anula todas as eventuais anteriores.

De V.Exas.
Muito Atentamente

(nome completo)

(assinatura idêntica à existente no Banco)

HUMOR VERDE

